



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i2.1476>



História Oral: travessias e articulações – a mobilidade de fronteiras (Associação Brasileira de História Oral – 30 anos de *Poiésis*)

Mauro Passos*

ORCID iD0000-0001-5827-3851

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Resumo: A oralidade e seu desdobramento interdisciplinar trouxeram uma significativa contribuição para o conhecimento histórico. A história oral não é uma área da história nem outra disciplina, mas uma prática metodológica. Este artigo aborda o significado dessa prática para o conhecimento histórico como fonte e roteiro vivo de pesquisa. Com 30 anos de existência, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) é o resultado do esforço de vários pesquisadores, professores, instituições e comunidades acadêmicas. Num segundo momento, apresenta a o significado da História Oral para o estudo das tradições religiosas populares, analisando alguns aspectos da Festa do Congado numa cidade do interior de Minas Gerais. O objetivo é ilustrar alguns depoimentos orais sobre essa festa, destacar sua relevância para o conhecimento do fenômeno religioso e a construção de sua história.

Palavras-Chave: História Oral. Memória. Metodologia. Religiosidade popular.

Oral History: Crossings and Articulations - The Mobility of Borders (Brazilian Association of Oral History - 30 years of *Poiésis*)

Abstract: Oral History and its interdisciplinary development have made a significant contribution to historical knowledge. Oral history is not a branch of History or another discipline, but a methodological practice. This article discusses the importance of this practice for historical knowledge as a source and a living roadmap for research. With 30 years of existence, the Brazilian Oral History Association (ABHO) is the result of the efforts of various researchers, professors, institutions, and academic communities. Secondly, it presents the importance of Oral History for the study of popular religious traditions, analyzing some aspects of the Congado Festival in a small inland town in the state of Minas Gerais, Brazil. The aim is to show some oral testimonies about this festival, highlighting its relevance for the knowledge of the religious phenomenon and for the construction of its history.

* Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (UPS), Itália, e Pós-doutor em Antropologia da Religião pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor aposentado. E-mail: mauruspax@yahoo.com.br.

Keywords: Oral History. Memory. Methodology. Popular Religiosity.

*Essa história começa ao rés-do-chão,
com passos.
São eles o número, mas um número que não constitui
uma série.
Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades
é algo qualitativo:
os jogos dos passos moldam espaços.
Tecem lugares.
(Michel de Certeau, 1996)*

Pedaços do ontem... perspectivas

O historiador tem condições de analisar a história do tempo presente? Seria possível analisar o quadro de mudanças e permanências de cenas e fatos que modulam a sociedade? A montagem dos quadros abriga crises, lutas, utopias. Onde estão os documentos para coletar os dados? Quais as fontes? As questões referentes ao objeto de estudo da história são múltiplas: as mentalidades, a iconografia, a literatura, o território, as festas, as manifestações religiosas, a arte, os esportes, a oralidade, entre outros. Tempo de novos diálogos com diversas fontes vêm soprando os ares da história. Nessa perspectiva, a abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, particularmente, se faz necessária por “decodificar o que une e o que ultrapassa as disciplinas”, além de contribuir para avançar a produção do conhecimento (Domingues, 2001).¹ Por isso, é preciso romper silêncios e descolonizar os métodos (modelos) petrificados em busca de novas metodologias para um maior entendimento das questões sociais e humanas.

Com “A fala dos passos perdidos”, citada na epígrafe, Michel de Certeau sugere as possibilidades, os limites e as articulações que compõem o conhecimento histórico (Certeau, 1996, p. 176). Assim como não há passos sem espaço, a escrita da história seria um discurso vazio se alijada do contexto histórico-social, com seus sonhos e utopias. É necessário, ainda, pensá-la a partir da formação e das práticas dos seus atores. No cotidiano estão vários tons do processo social e histórico. Pretendo abordar

1 Comentário de Alfredo Gontijo de Oliveira na capa do livro. Os diversos estudos organizados por Domingues elucidam o significado da transdisciplinaridade para o avanço da pesquisa com novas abordagens e a produção do conhecimento.

dois aspectos neste texto: uma questão teórica e outra mais prática (ilustrativa) sobre a religiosidade popular brasileira, *en passant*. Ao tratar da questão religiosa, lembro que o interesse está na relevância da história para seu registro. Para isso, farei uso de uma pesquisa sobre uma Festa do Congado, enlaçando o real vivido na festa com vivências e experiências nos fragmentos de alguns depoimentos. A história oral é relevante para o registro e a memória de experiências vividas. Além de fonte é um objeto de pesquisa. Relatando projetos, sonhos e dores, a subjetividade é um elemento intrínseco da história oral. Assim, nascem histórias que se projetam em direção ao Outro.

Os anos vividos com esforço, desafios, problemas e projetos trazem lembranças de Encontros da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Com uma metodologia movente deixou-se contagiar pelo diálogo-depoimento, outras fontes e uma abordagem interdisciplinar para o enfrentamento de situações do presente e do passado. Segundo a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto: “É significativo contar nos dias de hoje com textos que muito contribuem com reflexões sobre a ‘história oral’, não como uma disciplina ou área distinta da história, mas uma prática metodológica” (Guimarães Neto, 2024, p. 24). Essa “prática metodológica” deu à oralidade a cidadania de documento e fonte histórica. Assim, foram sendo construídos os passos do amanhã. Com apenas 30 anos, a Associação povoa de lembranças a história contemporânea. Não só lembranças retas, claras e sequenciais. As sombras dos passos mostram a abertura para diversas abordagens, teorias e perspectivas plurais. Abrem, ainda, caminhos para ampliar as possibilidades do discurso oral.

Meu propósito é fazer um esboço das tendências gerais de renovação da ABHO, considerando a abordagem teórico-metodológica, a ampliação das fontes, a diversificação dos objetos no seu conjunto, antes que fazer um inventário do quadro geral produzido por esse grupo ou a elaboração de uma teoria. Não se trata também de enumerar fatos, trabalhos ou ciclos de atividades. *Kronos* marca sua presença no calendário – 30 anos; criando ciclos no tempo. Sem se deixar levar pelo canto das sereias, a ABHO pontuou também o *Kairós* – tempo memorável de significâncias, sonhos (não lineares), trabalhos, problemas, pesquisas e publicações. Assim, o *Kronos* e o *Kairós* compõem o projeto da ABHO. Se houve construção é do grupo. A tarefa da história é contribuir para que as ânforas se quebrem e, assim, germinem novas frentes de pesquisa. Neste sentido, é sua dinâmica que é decisiva como também o encontro entre atualização do método e aproximações com as novas questões entre ciência, vida, arte, literatura, utopia, tempo e espaço para a busca da *poiésis* (estendendo o olhar).

Hoje, no século XXI, filmes, livros, revistas, expressões artísticas, imagens e diversas gramáticas que envolvem o ser humano unem no mesmo plano discursivo o mundo histórico e mítico, o físico e o metafísico. Isso demonstra que o real e o ideal, o concreto e o abstrato, o natural e o sobrenatural, a matéria e as relações são conceitos

instituídos socialmente. Olhares diversos constituem o objeto do conhecimento, o que possibilita múltiplas interações para sua construção. O que é o mundo real fora das imagens e representações que os homens e as diferentes culturas constroem sobre ele? O que é o conhecimento, a história e a ciência longe dos valores que a sociedade elabora? Para evocar esse cenário, marca de uma exigência de pensamento, afirma Michel de Certeau: “A escrita historiográfica cria ‘a-topias’; ela abre ‘não-lugares’ (ausências) no presente; às vezes, ela organiza sistematicamente pontos de fuga na ordem dos pensamentos e das práticas contemporâneas. Ela coloca-se, então, do lado do sonho” (Certeau, 2011, p. 185). Assim, as narrativas orais não separam o simbólico da prática social. As alegorias, mitos, crenças e a arte são formas de compreender e entender o real. Há algumas criações humanas a cujas origens só é possível remontar através dos mitos e sonhos. Nessa categoria, um exemplo incontestável é a linguagem verbal. Recorrendo à lembrança de Trebitsch (1994, p. 21):

A História Oral, apresentando-se de cara como uma contra-história, dotou-se de uma genealogia em parte mítica que esvazia qualquer tentativa de estabelecer uma cronologia linear. Inventou no decorrer das lutas, seus deuses tutelares, seus heróis corajosos – senão os seus mártires – precursores cujo aparecimento, ou redescoberta, é difícil situar em termos cronológicos precisos.

Cotejar história e representação traz à tona uma série de questões estimulantes, como por exemplo, a relação entre ética e estética, ciência e religião, realidade e ficção, essência e aparência. O conhecimento científico e tecnológico deve responder a um grande desafio: humanizar o ser humano. Diante disso, como construir o conhecimento histórico? O futuro não depende somente do poder econômico e político. Mais que em outros períodos, indivíduos e grupos ensaiam novos modos de agir e de se posicionar na sociedade atualmente. Há uma imbricação de culturas, interesses e motivos. Com isso, o real e o imaginário se integram num universo contínuo, mas não linear, pois se trata da construção de símbolos, o que implica uma relação mais complexa.

Uma das grandes transformações nos séculos XX e XXI é o fenômeno midiático. As mídias são agentes de comunicação e socialização. Para o bem ou o mal, a mídia e a tecnologia são instâncias transmissoras de comportamento, ideias, valores e necessidades.² Muitos costumes e o *modus vivendi* que as mídias, juntamente com os poderes dominantes, criam vão sendo internalizados e assumidos pela população. Cabe à razão a capacidade de analisar a fundo essas questões, estruturá-las, relacioná-las como elementos de sentido ou não, como boas ou más. O que está sendo arquivado pelo noticiário, jornais, revistas e as demais mídias constituem fontes para o processo histórico. Eis um novo oráculo: Como reconstruir, no futuro, os fatos históricos com

2 A propósito, lembro o livro de Setton (2011). Essa autora faz um estudo sobre a mídia e a educação no mundo contemporâneo, especificamente no Brasil.

a sofisticação e a tendência midiática? Portanto, “decifra-me ou devoro-te”.

Há outras possibilidades de registrar os fatos, descortinando memórias e acontecimentos. A História Oral registra depoimentos de diversos narradores e atores. As vozes de atores históricos estão em vários setores da sociedade e refletem/enfrentam dilemas e fronteiras sobre as instituições, movimentos sociais e os suportes da memória. Os registros orais, ou melhor, os documentos orais, acolhem as palavras e falas de pessoas e grupos dos diversos estratos sociais para compor a história e pensar as trilhas escondidas pela mídia (nova matriz cultural). A questão dos valores entra em discussão. Quais são esses valores? O que fazer? Os desafios da ação humana buscam respostas. O desafio básico é refazer os vínculos quebrados com as pessoas como também com a natureza. Sair do círculo convencional e, a partir das relações, ações, objetos, produções e linguagens: “A partir do estudo das relações, das práticas, dos fios, das ligações, que são associados a acontecimentos, é que podemos construir formas de entendimento histórico”, como lembra Montenegro (2010, p. 31). Atravessar fronteiras, criar, acolher.

Desde 1984, a ABHO destaca-se por um acompanhamento sistemático do que se passa no campo da historiografia brasileira. Pela amostragem dos temas dos diversos Encontros Nacionais e Regionais e, ainda da revista *História Oral*, pode-se ter uma ideia das contribuições no processo histórico. Merece destaque, ainda, a presença de historiadores brasileiros na diretoria da Associação Internacional de História Oral. Outra dimensão diz respeito à metodologia como uma estrutura movente, criativa e envolvida com uma produção do conhecimento distante da repetição técnica e padronizada. Como lembra Chauí (2001, p. 193): “Pesquisa: ação civilizatória contra a barbárie social e política. [...] Trabalho do pensamento e da linguagem para pensar e dizer o que ainda não foi pensado nem dito. [...] Visão compreensiva de totalidades e sínteses abertas que suscitam a interrogação e busca”. Adaptação, coerência, diálogo, articulação, ética e consistência compõem a trajetória dessa associação. Afigura-se impossível tratar a fundo essas perspectivas em um artigo.

A ABHO foi uma pausa de reflexão (pausa dinâmica) e revisão de meu trabalho e pesquisa sobre a religiosidade popular. Percebi que muitos estudos e teses não tinham defeito algum no papel. No entanto, costumavam mancar quando batiam no chão, no cotidiano da vida. Por tudo isso, ou apesar de tudo isso, era preciso repensar a metodologia de pesquisa. Que fazer? Importa sempre interrogar o significado das manifestações religiosas, por exemplo, e buscar seu entendimento. É preciso investigar o passado concreto, não só o passado do ponto de vista metafísico. As fontes orais têm muito a dizer sobre a realidade e as pessoas. A narração é um espaço de sentido de práticas individuais e coletivas. Assim, é possível conjugar a história vivida com a história escrita.

No campo da religiosidade popular, há vários aspectos a serem pesquisados, ainda mais que a história das camadas populares está viva na oralidade. São narrativas

que registram a força da tradição e a luta do povo. Isso acena para outro movimento que a historiografia religiosa precisa enfrentar – a questão cultural –, suporte de identidades coletivas, simbólicas e imaginárias. É um convite para desvendar novos caminhos. Buscar outros horizontes, apostar no futuro, no arco do caminho a trilhar. Recordando Paul Veyne: “Os verdadeiros problemas da epistemologia histórica são problemas de crítica e o centro de toda reflexão sobre o conhecimento histórico é o que dele fazem as fontes” (Veyne, 1971, p. 266). Esse movimento é um exercício para articular ideias, abrir perspectivas e buscar o que não se conhece. O apelo à liberdade mobiliza a criatividade e não deixa a consciência adormecer. O que move o ser humano é também seu futuro. Utopia, sonho e esperança são necessários para o movimento e a construção da história. De uma história contemplativa à escuta de vozes diversas.

A hospedaria da palavra: a memória em movimento

Resgatar a memória e construir narrativas, contar a história de vida significa considerar a noção de experiência pessoal e coletiva. O sujeito se constitui com outros sujeitos e, ainda, por meio de experiências diversas, condicionadas pelo meio familiar e social. As experiências vão sendo marcadas, ainda, pela condição econômica e cultural. Experiência tem o significado daquilo que produz o sujeito, através de lutas, vitórias e fracassos. Segundo Bakhtin (1992, p. 112): “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”. Na confluência de diversas práticas, os sujeitos vão constituindo suas identidades. A verdade incorpora a subjetividade da pessoa, no entanto, sem se esgotar nessa dimensão. Tem uma marca plural, fruto das relações pessoais, sociais e das práticas profissionais. Está presente a marca da subjetividade como expressão do próprio “Eu” nos depoimentos orais, com seus gestos, desejos e encenações.

Com efeito, as potencialidades da metodologia da história oral abrem, ainda, outras câmaras, como a recuperação de informações que não se encontram nos registros escritos. Assim, é possível resgatar a história contada pelas camadas populares, pelos movimentos sociais e étnicos, pelos militantes políticos. Enfim, por vários grupos e sujeitos históricos de diferentes camadas sociais. Com isso, amplia-se o espaço de interpretação da história como também estimula a criatividade do pesquisador. Segundo Thompson (1992), em países que passaram pela experiência ditatorial, os documentos orais guardam essa história, pois muitos arquivos foram destruídos ou desapareceram.

Em vários Encontros da ABHO, o debate metodológico foi tema de estudo e intercâmbio de pesquisas. Esses 30 anos trazem lembranças em muitas arestas

estimulantes. Abrigam crises, sonhos, rupturas e novos nascimentos. A disposição para se fazer história parte de muitas atitudes que se complementam. É sempre um convite à reflexão: ler, ver e ouvir. Metodologicamente esses gestos permitem dialogar com as fontes, decifrá-las. Como lembra Michel Foucault: “Escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (Foucault, 2006, p. 15). Ler os diversos códigos da vida, seus componentes culturais, sociais e simbólicos. Compete ao historiador olhar o presente tanto na fonte escrita quanto na fonte oral. Ir à busca de originalidade, rupturas e do diferentes nos depoimentos. As fontes orais trazem lembranças perdidas e mostram detalhes e faces não conhecidas das instituições e da sociedade. Colocam em cena realidades distantes.

A trajetória da História Oral separou as vozes dos historiadores. Foi um caminho que exigiu demais – penoso e problemático. Não é apenas o espírito conservador que impede uma renovação. Há fronteiras que vêm de mais longe. Um esforço de renovação levanta muita poeira e provoca muitas tensões. Nenhuma renovação é retilínea. Além disso, a recepção da oralidade no campo da história teve leituras diferentes, o que gerou limites e resistências. O aspecto da recepção merece destaque, pois se trata de um processo dinâmico e não passivo. A recepção, particularmente, nas últimas décadas, revela que as mudanças sociais, culturais e políticas influenciaram a reinterpretção e elaboração da metodologia da história.

Há ainda uma questão: que aporte as camadas populares pode trazer para a história? A atual conjuntura exige que se reformulem muitas concepções para a escrita da história. Pensar uma cartografia do social é já avançar no processo de descolonização historiográfica. Essa é uma reflexão nova que se acelerou nas últimas décadas. É um processo que envolve o conhecimento (e sua produção), embora em medidas diferentes. Segundo o historiador Michel de Certeau: “[...] história desempenha o papel de ser uma das maneiras de definir um novo presente. Permite que um presente se manifeste como *diferente* [...]” (Certeau, 2011, p. 176, grifo no original).

Em se tratando da religiosidade popular, não basta descrever os ritos, celebrações ou movimentos, importa compreender o que está por trás da expressão religiosa. O caminho, portanto, é o da observação paciente e continuada. Não é de imediato que se percebe “o por trás”. É preciso ouvir, ver e interpretar. Aprender a olhar. O foco é o diálogo, tecido vivo da palavra. É preciso transcender o olhar e deixar-se afetar pelo desejo de conhecer. Descobrir a criatividade e operação praticada pelas pessoas. Enfim, é um desafio, pois o povo não é tão simplório como se pensa. Como lembra o poeta Mia Couto (2006, p. 65): “A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores”.

História, tempo e memória estão interligados nos diversos depoimentos que selecionei sobre a religiosidade popular. Esses procedimentos inter-relacionados estimulam a memória fazendo com que o narrador interroge o passado. Memória

também é fato, por isso fecunda a história ³, ainda mais que o depoente (interlocutor) não é um ser passivo na reconstrução dos fatos. O passado é, então, repensado e “ressignificado” de forma renovada e fecunda. A narração tem um significado além daquilo que é contado, pois é o resultado de uma interação social. Um papel do historiador é ser um (possível) agente de mudança, valorizando o cotidiano, as experiências regionais e suas culturas nos “entre lugares”, as recorrências, as anomalias, as repetições, a originalidade, a norma e a exceção, o que foi e o que é. Como escreveu o historiador Peter Burke: “Uma das mais importantes funções do historiador é ser um lembrete” (Burke, 2000, p. 89).

Ler e reler os diversos trabalhos publicados sobre História Oral e participar de Encontros Regionais e Nacionais não foi somente uma questão pessoal, mas um caminho para entender sua importância na construção histórica da religiosidade popular. Para mim, foi uma forma de conjugar as fontes orais, numa perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar, e entender a relação entrevistador/entrevistado mais que um registro de escrita ou um documento. Não é suficiente ter um roteiro para a entrevista, há um item que merece um tratamento à parte – entender os conceitos presentes nas camadas populares sobre religião. É preciso saber ouvir para conhecer melhor, a fim de descobrir os interesses reais do grupo e suas motivações. Entender sim, como uma cena de ação com diferentes desdobramentos, pois “as palavras sabem muito mais longe”, como lembra Bartolomeu Campos Queirós (2004). Cada palavra abriga muitas leituras, pois aponta direções.

Passados presentes

Diversos olhares pousam sobre as tradições religiosas populares e resgatam seus valores, expressões e movimentos. Vozes e imagens se misturam com vitalidade. É o que nos revelam as diversas formas de manifestação popular, particularmente as festas religiosas. Ir às fontes e vasculhar essas expressões é um caminho para entendermos a extensão e a profundidade de nossa cultura.⁴ A diversidade cultural brasileira tem diversas raízes. Uma conjugação de crenças, tradições e culturas formou nossa matriz religiosa.

Por ser um dos locais privilegiados da questão das subjetividades culturais,

3 Robert Frank afirma que o historiador deve ir além da história dos acontecimentos. Segundo seu pensamento, deve interessar-se também pela história da memória do que aconteceu: “Porque o conhecimento do passado dito objetivo não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção do presente. Esse presente do passado é precisamente a memória, e o estudo acadêmico dessa última permite melhor compreender a identidade que ela tem por função estruturar” (Frank *apud* Alberti, 2004, p. 40).

4 Lembro os estudos de Azevedo (2002), pioneiro nos estudos sobre tradições religiosas, particularmente as religiões afro-brasileiras.

a religiosidade apresenta a tensão entre universal e particular, sagrado e profano, público e privado. As manifestações populares traduzem a experiência de vida do povo – sua vida, suas dores, seus medos, e suas esperanças. Demonstram seus interesses, valores, condições e necessidades. Qual o significado da festa popular numa sociedade moderna e urbana? As novas condições socioculturais abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo. Essas mudanças repercutem no religioso, pois suas manifestações não são independentes das relações sociais.

A oralidade é significativa nos textos da tradição religiosa popular. É uma matriz, como também o processo de revitalização da linguagem. É seu *continuum*. A linguagem incide em significação e os significados variam. Por isso, a linguagem não é apenas um meio de comunicação. Aí se encontra um ponto crucial: o roteiro como meio e processo criativo (*poiésis*). O amplo panorama de possibilidades da História Oral esbarra na linguagem que pulsa pela emoção, vivência de relações sociais e culturais. Segundo Heidegger: “A linguagem é a casa do ser. É nessa morada que habita o homem” (Heidegger *apud* Reale; Antiseri, 1991, p. 591).

A mística da religiosidade popular revela uma trajetória de lutas, saberes e memórias. Pôr em cena essa composição mística e, ainda, os silêncios, é uma forma de articular o individual e o coletivo. Assim, histórias são contadas numa narrativa de tempos e sentidos dados pelo grupo e retrata as diferentes formas de significar o social.

Vou abordar alguns fatos e depoimentos de uma pesquisa que fiz em 2002 e 2015 sobre a Festa do Congado (Passos, 2002, 2015). Com isso, destaco o significado da metodologia da história oral para uma maior compreensão do imaginário, da linguagem e dos símbolos da religiosidade popular. Não pretendo dizer coisas novas, nem fazer um ensaio científico sobre a religiosidade popular. Trata-se de pôr em cena o sentido da festa do Congado e alguns depoimentos.

O Congado foi uma festa que durou três dias com a participação de cinco Ternos, grupo de dançadores com roupas, vestimentas e cânticos próprios. Usei os procedimentos da história oral e da pesquisa participante, buscando detalhes e elementos da realidade pouco observáveis como propõe Ginzburg (1989), com o paradigma indiciário. Enfim, meu objetivo era observar e reconstituir os cenários, os detalhes e as falas. Descortinar os silêncios e possíveis conflitos.

Sem a oralidade, muitos elementos das tradições religiosas populares teriam desaparecido. Não é muito fácil entender os textos, as palavras e expressões usadas nos cânticos, pois são extremamente fragmentados. Muitos aspectos merecem estudos mais específicos, o que não é o objetivo deste trabalho. As tradições religiosas populares não se exprimem somente em palavras, mas também em gestos, ações coletivas, representações rituais, símbolos, andanças, movimento do corpo. Nem sempre é fácil decodificar a linguagem verbal com seus símbolos e metáforas. Ela assume formas e significados diferentes. O cenário religioso popular tem um papel importante na vida

do povo brasileiro, pois tem também a função de adaptação, socialização e ajuste à vida cotidiana. Os diversos momentos e espaços são compartilhados e vivenciados pelo grupo, tais como a preparação da festa, a organização, a reza, a comida e sua realização.

A ruptura da rotina fez uma alteração na praça e na capela do Rosário nos dias da festa. Mulheres, homens, jovens e crianças dançavam, tocavam instrumentos de caixa, reco-reco, tampinhas de garrafas e pandeiro. Um verdadeiro espetáculo coloria a rua e a praça com o movimento dos corpos e a conjugação de cores. É a festa na rua. É a festa do povo. Valdivino, capitão do Congado, fez o seguinte depoimento segurando o bastão: “Hoje comando o Congado em Itaguara. Recebi esta tarefa de meu pai para não deixar a devoção à Senhora do Rosário acabar. Sem proteção ninguém vive. A Festa do Rosário dá força pra gente viver e continuar a labuta da vida” (Valdivino Andrade, 2002). Com eleito, percebe-se que a festa é uma história verdadeira. Confere sentido e valor à existência: “Sem proteção ninguém vive”. Além da tradição e do costume, o pedido de proteção demonstra o acento da fé. O homem é motivado pela crença e isso se torna uma referência importante para sua vida. A Festa do Congado ocupa um lugar de destaque. A grande matriz é a Senhora do Rosário, exemplo e modelo de vida. Os membros do Congado não são apenas narradores, são sujeitos. Um cenário com cores e contornos transforma os congadeiros. Há gestos, ora comedidos, às vezes tensos, encolhendo ou expandindo limites. É a festa na vida. Como diz Carlos Drummond de Andrade no poema “História, coração, linguagem”: “Tu és a história que narraste / não o simples narrador” (Andrade, 1992, p. 779). É nesse momento da festa que se cumpre, à perfeição, a união entre sujeito e obra – devotos sujeitos. Acontece uma espiritualidade de inserção, uma diligência de busca e vigília de espera.

As tradições religiosas afro-brasileiras presentes no Congado estão vinculadas ao ritual católico, juntamente com seus santos, e se mesclam numa configuração nova, processual e sincrética. É possível observar, ainda, esse diálogo e essa vizinhança nos cânticos, nos instrumentos musicais e na culinária. No altar, um quadro com a seguinte frase: “Quando chega o Congado, toda Gunga é uma só”. O antropólogo Pierre Sanchis chama atenção para o aspecto processual do sincretismo: “Acima da consideração de um resultado, impõe-se a ideia de uma tendência e de um processo. O sincretismo é assim um processo muito variado, polimorfo, criador e causa ativa em vários níveis e várias direções” (Sanchis, 2018, p. 351) e remodelando-se incessantemente. A recepção possibilita leituras diferentes dos fatos, das celebrações e dos conteúdos religiosos, o que gera modificações, limites e revisões. As religiões transplantadas no Brasil tiveram um processo de “tropicalização”. Os altares revelam isso com as diversas imagens: Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição, São Jorge, Preto Velho, São Benedito, São Jorge, entre outros. Há, assim, um sentido e vários significados no Congado, reforçando o paralelismo ou a semelhança entre o

catolicismo e as religiões afro-brasileiras. É a força do sincretismo direcionando os elementos da religiosidade popular.

Diante da tal profusão de possibilidades, a produção do documento oral amplia o universo do conhecimento, possibilitando informações e versões que nem sempre estão registradas na documentação escrita. Dona Luíza, uma congadeira de 50 anos, afirma: “A gente não pode deixar de agradecer os bens de Deus que os santos repartem pra nós. Os santos são nossos protetores”. Como agradecimento, muitos gestos são expressos espontaneamente e são referências para a vida. Há uma relação de familiaridade entre santos e fiéis, chegando a criar laços como entre amigos. Essa mesma senhora disse: “Nossa Senhora do Rosário foi madrinha de minha irmã mais velha. Promessa de minha mãe quando estava grávida” (Luíza dos Santos, 2015). Segundo ela, foi uma gravidez complicada e sua mãe havia perdido uma criança na primeira gravidez. O nascimento de sua irmã foi uma graça de Nossa Senhora do Rosário.⁵ A graça não é apenas recebida, mas também retribuída pela difusão da devoção e da força da santa. Assim, os fiéis têm um papel importante na construção da devoção, de modo que há uma relação funcional entre o devoto e a santa. Esse alinhamento é muito significativo na religiosidade popular, pois se trata de uma reprodução devocional. A devoção tem a marca da memória, pois ajuda o devoto a não esquecer seu passado. Um sonho traça caminhos. Assim, a partilha da devoção se impõe. Transborda para a vida e se fecundar.

Os depoimentos mostram como as pessoas chegam até o sagrado. O devoto vê a proximidade da santa no cotidiano. E isso é de importância fundamental, pois se torna uma resposta para o momento de sua vida. O importante não é somente o bem que foi feito, mas o fato de a pessoa saber que a Nossa Senhora do Rosário está caminhando ao seu lado e que, por isso, pode-se contar com ela. Nem sempre as manifestações religiosas populares têm contornos fixos e definidos. A oralidade com seu caráter aditivo traz o passado para o presente, mediante a memória e as incorporações que vão compondo as narrativas, através das experiências, sentimentos, lendas e histórias contadas. Como lembra o ditado popular: “Quem conta um conto aumenta um ponto”.

O que apresento é apenas um aspecto do Congado. A expressão do povo, sua cultura e mentalidade, o que Johan Huizinga chamou de *homo ludens*, merecem mais estudos, pois são formas culturais pelas quais o ser humano externa sua esperança, sua vida e seu grupo. Há uma força espiritual na manifestação religiosa. Não é simplesmente uma crença, nem pura rotina ritual, ela expressa uma prática existencial carregada de sentidos. Por isso, (re)figura a realidade, a interpreta e a decifra.

O Congado com seus ternos, mastros e cânticos muda o ritmo da cidade. É uma expressão de vida de uma camada social que ano após ano foi tomando consciência

5 Esse depoimento foi dado por uma congadeira que dança desde os 12 anos de idade. Sua intenção é fazer com que seus netos continuem com a devoção.

de ser um grupo: por isso a importância dos rituais, da forma de organização e da celebração. Aí está sua função social: a participação coletiva como um momento de experiência e de identificação. As crenças, os valores coletivos e a tradição modelam as ações e apontam formas e modos de estar no mundo. Como afirma o Sr. Arlindo, um congadeiro: “A festa do Congado dá força pra gente. Volto feliz, encontrei amigos e parentes e, mais ainda, recebi da Senhora do Rosário a bênção e a proteção” (Arlindo Silva, 2015). Essa fala expressa sentimento e vínculo afetivo. Há coisas que não têm preço, pois são marcas de sensibilidade e manifestam carinho, doação e dádiva. Demonstram grandes utopias que dão sentido à vida, como indica o clássico texto de Marcel Mauss *Ensaio sobre a dádiva*. O que eles trocam não são bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos. (Mauss, 2003). Eles mobilizam solidariedades.

Todo um horizonte criado continua “re-velando” mistérios, fazeres históricos e tradições populares. Assim, pululam as marcas da oralidade nas narrações, nos ditos, nas rezas. Produtos da capacidade imaginária de (re)figurar a realidade, as evidências e relações entre as pessoas. Tal horizonte mexe e remexe no universo real e imaginário das camadas populares. Ultrapassa os dados empíricos e desenha traços largos sobre as atitudes práticas existenciais. No lugar de conceitos, definições e discursos predomina a prática da solidariedade, a alegria de reencontrar amigos e reviver outros tempos. O depoimento do Sr. Arlindo é também uma expressão de experiência de vida. O *ethos* comunitário forma-se, portanto, pelo conjunto de experiências na família, nas festas e na amizade vivida em mutirões.

As manifestações religiosas populares encontram também diversas formas de resistência e conflito. Nessa cidade (Itaguara), por exemplo, o bispo diocesano proibiu a venda de bebida alcoólica nas barraquinhas. “Festa do Congado sem bebida alcoólica? Que coisa estranha!”. Esse era um comentário geral dos congadeiros como também das pessoas da cidade. Como forma de evitar conflito, o capitão do Congado acatou a determinação de não vender bebida alcoólica. No entanto, esclareceu que antes de iniciar a procissão e no encerramento, todos iriam tomar uma cachaça. “Se não der uma bebida para os companheiros, a festa fracassa. Ninguém exagera, não tem briga, nem falta de respeito. Desde o tempo de meu pai, tinha este costume” (Valdivino Andrade, 2002). Observa-se que a determinação da autoridade religiosa foi acatada, no entanto, a liberação da bebida foi apenas no ambiente privado, onde estavam somente os congadeiros. Ele agiu de acordo com a norma estabelecida, mas a sua maneira. O significado da “proibição” teve duas interpretações. Não significou a mesma coisa. O sentido não para, muda de caminho. A lição do passado, memória do pai, não deixou que a proibição do bispo fosse contra a tradição. O passado foi preservado. A gramática da vida prevaleceu e garantiu seu direito e sua posição. A festa é uma portadora de memórias e estabelece uma continuidade entre o passado e o presente. Encontrando seu lugar, o ser humano é capaz de começar a responder

aos desafios e fronteiras.

À guisa de conclusão

Tudo tem uma história. Os sonhos, as formas de sociabilidade, o trabalho. Tudo muda ao longo dos séculos e as mudanças podem ser mais bem compreendidas quando as relacionamos com os acontecimentos da época. Retomo: a história é um convite à reflexão.

O conhecimento histórico tem sua especificidade que varia de acordo com o tempo, o espaço, a natureza e a metodologia. “Os jogos dos passos” foram modelando espaços para a ABHO. Contar a gesta do caminho percorrido é uma forma de ir além do simples passar de cenas. Talvez, por isso mesmo, é um convite para pensar, refletir e avaliar a ABHO. A história de uma associação revela o encantamento do grupo – movimentos, conquistas, fronteiras, limites, utopias. É como um “enamorar-se”. “O amor vem por princípio”, cantava Noel Rosa. O amor está no princípio (antes do Verbo). Dito de outra forma: É possível viver sem utopias? Enfim, o ato de construir está conjugado com o diálogo, a interatividade e a integração com outros grupos.

Como é uma “prática metodológica”, a história oral é um roteiro vivo que traduz a vida dos sujeitos. “A história evoca uma narrativa do passado, o oral indica a expressão” (Portelli, 2001, p. 10). Por isso, é uma cartografia movente. A amostra de alguns depoimentos (fragmentos) da Festa do Congado reforça esse entendimento. A festa congrega ações individuais e coletivas na exaltação com o sagrado.

O significado de um grupo não se mede tanto pelas portas construídas, mas particularmente pelas portas a serem abertas – começo de novos andamentos. O projeto não será o mesmo, será sempre outro. Esse é o desafio a ser vencido – não se deixar petrificar. É o quesito a ser comemorado – redescobrir novos começos. Continuar indo.

A semente que germina não é a mesma que foi plantada. Se na criação da ABHO houve vitória sobre situações divergentes, hoje outros conflitos e situações diferentes requerem novas aberturas. Todo projeto aponta sua incompletude e transitoriedade. Sempre recriado. Um exercício onde fazer é criar e desvelar o sentido do que acontece – *poiésis*. Está sempre à procura de um melhor desenho. Estende o olhar. Enfim, evoca cenários inaugurais.

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir, contar textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo brasileiro: um campo para a pesquisa social*. Salvador: EDUBA, 2002.
- TAVARES, Gonçalo Manuel. *Breves notas sobre ciência*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DOMINGUES, Ivan (Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: UFMG/IEAT, 2001.
- FOUCAULT, Michel [1983]. *O que é um autor?* 6. ed. Lisboa: Nova Veja, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *História oral, tempo presente e narrativas de trabalhadoras e trabalhadores: diálogos intermitentes*. Recife: UFPE, 2024.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. (Org.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Editora UFPE; Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. P. 15-37.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PASSOS, Mauro. A (re)invenção de uma tradição religiosa e a sociabilidade do Congado no interior de Minas Gerais. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 7, n. 21, p. 69-81, jan./abr. 2015.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Correspondência*. Belo Horizonte: RHJ, 2004.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. v. 3. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- SANCHIS, Pierre. *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Organização Mauro Passos e Léa Freitas Perez. Petrópolis: Vozes, 2018
- SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2011.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 19-41.

VEYNE, Paul. *Comment on écrit l'histoire*: essai d'epistemologie. Paris: Seuil, 1971.

Fontes orais

ANDRADE, Valdivino [74 anos]. [fev. 2002]. Entrevistador: Mauro Passos. Itaguara, MG, 14 fev. 2002.

SANTOS, Luíza dos [50 anos]. [ago. 2015]. Entrevistador: Mauro Passos. Itaguara, MG, 17 ago. 2015.

SILVA, Arlindo da [62 anos]. [ago. 2015]. Entrevistador: Mauro Passos. Itaguara, MG, 17 ago. 2015.

Recebido em 10/06/2024

Versão final rerepresentada em 15/07/2024

Aprovado em 26/08/2024

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: nada a declarar.